

**DESTITUINDO PARADIGMAS: A VOZ E A VEZ DA BELA/LÉSBLIA, DE
MARIA BENEDITA CAMARA BORMANN**

**DESTROYING PARADIGMS: THE VOICE AND TURN OF BELA/LESBLIA, BY
MARIA BENEDITA CAMARA BORMANN**

Rodrigo Felipe Veloso¹

É um romance à parte, porque, sendo a protagonista uma mulher de letras, a vida desta abrange maior âmbito e mais peripécias do que a existência do comum das mulheres.
(Maria Benedita Câmara Bormann)

RESUMO

O presente artigo pretende discutir como ocorre à ruptura da tradição no romance *Lésbia* de Maria Benedita Bormann. A discussão a ser apresentada trata-se do discurso feminista no século XIX, especialmente em torno da escrita de si, das personagens, pois raras são as mulheres que escrevem ou publicam os seus textos, mas um grande número delas consegue se ascender pela palavra escrita. Ademais, da narrativa emanam essas questões que serão analisadas, bem como se deixam atravessar por essa escrita da diferença, do olhar feminino. Para tanto, utilizaremos autores como: Stuart Hall (2006), Anthony Giddens (2002), Norma Telles (1997; 2005), dentre outros.

Palavras-chave: Tradição, ruptura, autoria feminina, identidade e alteridade.

ABSTRACT

This article aims to verify how the rupture of tradition occurs in the novel *Lésbia* by Maria Benedita Camara Bormann. The discussion to be presented concerns feminist discourse in the 19th century, especially around the characters' self-writing, as women rarely write or publish their texts, but a large number of them manage to rise through the written word. Furthermore, the narrative emanates these questions that will be analyzed, as well as being permeated by this writing of difference, of the female gaze. To do so, we will use authors such as: Stuart Hall (2006), Anthony Giddens (2002), Norma Telles (1997; 2005), among others.

Keywords: Tradition, rupture, female authorship, identity and alterity.

¹ Doutor em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Professor do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES.

Da história: um diálogo narrativo

O livro narra a história da jovem de classe média, Arabela Gonzaga, que se metamorfoseará em Lésbia, a escritora. Para Norma Telles (2009, p. 296), a personagem possui uma

infância feliz, protegida e nutrida pelos pais que percebem a inteligência, pendores artísticos e a curiosidade da menina. Bela, como era chamada, tenta seguir o script prefixado, estuda, porém, ao contrário do que visava o currículo para moças, se apaixona pelo conhecimento. Os estudos prescritos, no entanto, não a preparam para as escolhas do mundo. Ela se casa aos dezenove anos por escolha própria, voluntariosa, contra a vontade dos pais, com um homem que já ao fim de oito dias mostra-se um bruto. O pior, o que se tornou insuportável e acabou sendo o fator primordial da sua separação.

O percurso de Arabela até os vinte anos levou-a da casa dos pais ao colégio, de lá à casa do marido e de volta àquela dos pais. Ela é dependente financeiramente dos homens que estão em seu caminho. Mas a semente caíra em solo fértil, teve forças para não se deixar silenciar. E nunca duvidou de seus merecimentos intelectuais.

Nas palavras de Telles, a trajetória da protagonista Arabela revela uma vida doutrinada pelos ditames patriarcais da sociedade do final do século XIX, cujo comportamento da mulher era submetido ao poderio masculino. É importante frisar que esse discurso de Telles sobre a condição da mulher, em especial de Arabela, representa uma realidade atemporal, uma vez que ao percebemos esse exemplo do passado ligado à opressão da figura feminina, tal ponto segue o mesmo percurso narrativo em tempos contemporâneos.

No processo de transformação e mudança dos séculos XIX e XX, período relevante no cenário mundial marcados pela *Belle Époque* e, sobretudo, com relação ao discurso feminino, tem-se que a maioria das mulheres destinava-se ao papel de dona de casa ou de mãe. No entanto, outras mulheres não aceitaram essa imposição. E um exemplo dessa não aceitação das normas sociais foi a escritora gaúcha Maria Benedita Bormann, que publicou, em 1890, o romance *Lésbia*, sob o pseudônimo Délia.

A recepção do livro aconteceu de maneira polêmica, especialmente por tratar

temas considerados interditos para o período, temas estes, como o divórcio, a precariedade da educação a qual a mulher era submetida, ao prazer feminino, ao abuso doméstico.

Adentrando na narrativa *Lésbia*, observamos a protagonista Arabela, uma jovem que, mediante um casamento abusivo, decide se separar, bem como percebe que para se emancipar tanto em sua independência quanto na realização amorosa em plena sociedade patriarcal da época, destacar-se como escritora seria uma possibilidade vantajosa, mas não a identificando como autora e, por isso, cria o pseudônimo Délia.

Lésbia é o que se nomeia como sendo um *Künstlerroman*, um romance de artista, um gênero que enreda o contínuo processo através do qual uma pessoa progride em direção à criação de sua arte, conforme veremos mais detidamente na análise da narrativa.

Da análise: ruptura das normas estabelecidas

Lésbia nasce como narrativa e Bela como narradora e personagem de uma história proibida pelos ditames sociais. A narrativa, por sua vez, surge como representação e autoria do poder feminino diante da palavra escrita. Nesse sentido, Bela “ser da linguagem”, constitui-se como desafio, uma vez que além de seus atos, o seu duelo surge-se na relação de dizer-se contra, de reconhecer-se e tornar-se discurso contra a norma estabelecida. Tal questão impõe o que Stuart Hall (2006) descreve como descentramento do sujeito moderno, dentre elas, o autor cita o impacto do feminismo como parte integrante desse novo movimento social que emergiu durante os anos sessenta, sendo descrito por ele como sendo o grande marco da modernidade tardia.

Mas sabemos que o romance *Lésbia*, de Maria Benedita Camara Bormann foi escrito em 1890, desde já percebemos em seu enredo essa proposta de um modelo patriarcal que não estava mais conseguindo se restabelecer com as normas sociais vigentes na época, o que reflete exatamente o modelo de transição do império para a república no Brasil. A autora antecipa as escritoras modernistas do nosso século e estabelece a busca da protagonista pelo desenvolvimento artístico, independência

financeira e amorosa.

Desse modo, este trabalho tem por objetivo tratar da relação entre tradição e modernidade, alinhando-se na destituição de paradigmas sociais por parte da figura feminina que se apresentava nesse período sendo vítima de todo o sistema demarcado pelo poder e hegemonia masculina. Por outro lado, trataremos, pois, de uma implicação possível entre Maria Benedita Camara Bormann e Stuart Hall enquanto processo de construção de uma identidade moderna construída pela autora numa época marcada pela conservação do elemento tradicional.

O que nos faz nomear *Lésbia* como romance moderno? Que implicações têm na narrativa quando há uma ruptura dessas normas estabelecidas socialmente? Qual é o papel do gênero feminino que se emancipa pelas letras e suas implicações no que tange a influenciar mulheres consideradas submissas? Essas são algumas questões que norteiam esta reflexão acerca da ruptura da tradição e, de certo modo como representação de uma modernidade vindoura em *Lésbia*. Nosso propósito com este texto é conhecer um pouco quem são os atores desse teatro lírico e, a partir de então, pensar teoricamente o quanto esses personagens contribuem para o que chamamos de transgressão, ou ruptura de uma tradição. Ao aproximar esses personagens, portanto, valho-me do conceito de identidade.

Na modernidade, a identidade estava alinhada a um conjunto de conceitos e valores

das tradições inerentes a uma comunidade, a um povo. Com isso, a pátria, a língua e a norma familiar são alguns componentes desse arquivo histórico e social. Na sociedade moderna, a partir do que Anthony Giddens em sua obra *Modernidade e Identidade*² descreve como a “busca da auto-identidade”, esta se apresenta como um problema moderno, pois a ideia de que cada pessoa possui um caráter individual, fortalece a tese de que não se deve somente a existência do indivíduo, como traço distintivo da modernidade, e menos ainda a do eu. Mas, seguramente o que tem sido valorizada pelas culturas modernas se deve ao cultivo das potencialidades desse eu. A identidade, aqui, é problematizada por meio do embate da própria Bela com os homens que aparecem em sua vida e com seu posicionamento diante das formas de se apresentar

seja na produção do seu texto escrito ou na vida social. No âmbito do texto narrativo, de que forma essa questão pode ser proposta para se pensar a constituição de personagens, do narrador e da própria escrita?

Segundo Hall o movimento feminista “abriu, portanto, para a contestação política, arenas inteiramente novas de vida social: a família, a sexualidade, o trabalho doméstico, a divisão doméstica do trabalho, o cuidado com as crianças” (HALL, 2006, p. 45). Assim, em *Lésbia* essa divisão nos é apresentada como amarras sociais que não abriam espaço para a discussão desses temas, entretanto, como é descrito pela Norma Telles em seu texto “Sonhos e iluminações das mulheres loucas da literatura” percebemos que através do

ato de escrever fizesse surgir a figura da louca. Como em um sonho mau, uma mulher ensandecida e enraivecida rompia o silêncio com o qual nem ela nem sua autora podiam mais continuar concordando. Muitas vezes a escritora podia falar por si própria ao narrar como havia surgido por detrás da máscara plácida. (TELLES, 1988, p. 22).

A metáfora da "louca do sótão" conforme descreve Telles refere-se à arte das mulheres enquanto processo de resistência, de incontável loucura diante da não aceitação às regras sociais definidoras da mulher e incertezas no que diz respeito ao próprio ato de ser criadora. Ao libertar-se do paradigma de como deve se comportar, ao tomar da pena e escrever, a mulher consciente ou inconscientemente repudiava os valores sociais. Portanto, as mulheres não criticavam abertamente a sociedade, mas criavam artifícios através da escrita para que isso fosse possível de se realizar. Esse modo de contestação das mulheres escritoras aparece em seus textos como criação de personagens, que encenam suas ansiedades, angústias e raivas que se afirmavam enquanto silêncio.

A visão da escritura pela personagem-escritora tem-se como um processo autorreflexivo, no qual confirma e relaciona a qualidade confessional da literatura feminina com o silêncio que por tanto tempo se impôs à mulher. Entretanto, o sexo não é apenas um fator biológico, mas principalmente, social, que determina uma maneira coerente da mulher se relacionar com a realidade e a linguagem e, por meio desta

direcionar a sua produção literária.

Com efeito, podemos pensar numa escritura lírica em *Lésbia*, uma vez que era a única alternativa para a mulher escritora frente aos enredos românticos tradicionais, nos quais a única possibilidade de atenção para a personagem feminina existia apenas no casamento ou na união com um homem. Ou seja, para fugir do esquema tradicional da narrativa, Bela enquanto mulher existia somente em função da personagem masculina, pois “encontrar o homem que o destino lhe reservara para marido e ouviu essas palavras afetuosas e aparentemente sinceras, com que os homens iludem as mulheres”. (BORMANN, 1998, p. 39).

A escritora tinha como opção uma narrativa lírica, que expressasse os únicos atos possíveis para a personagem feminina: existir, pensar, sentir, e é a partir daí que se tem a ruptura desse poder do discurso masculino, isto é, quando Bela se sente empalidecida pelas palavras judiciosas de seu primeiro marido e este diz: “és insuportável! Uma preciosa ridícula!” (BORMANN, 1998, p. 40). Bela, então, faz uma escolha prudente e proibida as mulheres durante o século XIX que era adquirir o direito o conhecimento através das letras. Assim, a alteridade está em “querer tornar-se “o mesmo” que o outro, ter os mesmos direitos, significava encontrar um sentimento de identidade dado por quaisquer que fossem suas origens” (NAXARA *et al.*, 2009, p. 25).

Contudo, é importante ressaltar que a tentativa de conceituação e caracterização de uma escrita feminina não é pacífica. Essas linhas de fuga estabelecem os intercambiáveis questionamentos e provocações subjacentes ao conceito de “feminino” no campo da escrita, emergindo como resultados de antigos impasses e acirradas resistências.

A partir da representação da maioria das figuras femininas presentes em *Lésbia*, podemos encontrar também, em vários aspectos, uma visão crítica daquela sociedade no que se refere ao lugar ocupado pelas mulheres e ao tratamento dispensado a elas, pois como afirma Bela: “esquecera que possuía dois grandes inconvenientes para qualquer empreendimento deste gênero – ser mulher e ser brasileira”. (BORMANN, 1998, p. 97). A jovem Bela é descrita como uma heroína tipicamente romântica tanto

física quanto psicologicamente: formosa, sedutora, cabelos negros, bonita. Diferentemente, a sua prima Joana, se demonstra invejosa, servil e perversa, o que hereditariamente vemos em seus filhos Arnaldo e Celina. Outra personagem feminina que ganha evidência na narrativa se trata de Heloísa, mulher submissa, que envereda pelo caminho de Bela para conseguir destituir o seu romance com o Dr. Alberto, uma vez que este a conhece desde a infância.

Nesse sentido, percebemos que o romance não só enreda em sua tessitura narrativa a paixão da personagem-protagonista pelo conhecimento – leitura e escrita, mas também uma paixão erótica. Ao contrário da mulher que desvive-se em carinho e afeto, a escritora nos apresenta e vive, com prazer, alegria e às vezes intenso sofrimento, os desejos da mente e do corpo, uma vez que produção e reprodução se entrelaçam como sendo uma linha tênue que legitima uma produção artística e uma reprodução biológica. Bela e Lésbia representam o criador e a criatura e vice-versa, corpo e alma, razão e emoção. Assim, depreendemos dessas relações no que tange a noção de ocupação de si mesmo, enquanto forma e atitude de se apresentar como sendo uma maneira de se comportar e demarcando os modos de vida, bem como exercícios, práticas e processos que prescrevem e agem em torno do cuidado de si que constituem como práticas e elementos sociais, porque dão lugar a relações vivenciadas entre Bela e Lésbia, afinal, “todo o ser do sujeito, durante toda sua existência, deveria cuidar de si”. (TELLES, 2209, p. 291).

Para Hall, as identidades de classe, etnia, gênero, etc. tornaram-se insustentáveis em um mundo perpassado pelo confronto entre as tendências de homogeneização e de individualização. Nesse meio, aparece um sujeito fragmentado, dividido entre inúmeras identidades, muitas delas até contraditórias, envolto numa relação de vazio existencial, de incertezas e diferenças. Evidenciamos, assim, o caráter transitório e temporário do sujeito contemporâneo. Aqui não cabe mais falar em estabilidade, em delimitar linhas fixas para um sujeito unificado e coerente. Tal pensamento é ilusório, uma vez que as sociedades da contemporaneidade são caracterizadas pela diferença; elas são atravessadas por diferentes “posições de sujeito” – isto é, identidades – para os indivíduos. Assim, entende-se que a “crise da

identidade” ocorre somente “quando algo se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. (MERCER, 1990 *apud* HALL, 2006).

Na verdade, sabemos que o romance em apreço se trata de uma obra publicada no final do século XIX o qual já percebemos essa marca no que diz respeito às múltiplas identidades de um sujeito, porque a personagem Arabela vive sempre em busca de se auto-identificar, principalmente porque começa a apresentar e vivenciar como não sendo de um único tipo o poder masculino, ou seja, a personagem tenta empregar a todo o momento uma sucessão de figuras semelhantes, porém diferentes, o que representa certa posição e relação de contato com essas múltiplas identidades. Ou como descreve Norma Telles:

marido = pai, mas diferente do pai por ser um bruto enquanto o primeiro era amigo e compreensivo; a seguir surgem um dândi, um pretendente, o invejoso, e outros tais, sugerindo uma rejeição da lógica unilateral da sucessão de poder igual de homem a homem, embora todos eles contribuam, mais ou menos, salvo exceções de praxe, para o embotamento das mulheres e para mantê-las em seu lugar. (TELLES, 2009, p. 297).

Por isso, fica evidente através da segmentação do nome/ pseudônimo Lésbia, que o sujeito assume nova identidade, e esta se deve a transformação produzida nele quando olha esse outro, ou seja, quando ele assume uma imagem. Começa, então, um processo de “descentramento” da identidade, ou formação de uma nova identidade, conforme descreve Stuart Hall³. Em outras palavras, a identidade moderna torna-se fragmentada, e argumenta-se que o sujeito da “modernidade tardia” não foi simplesmente desagregado, mas também descentrado, deslocado através de rupturas advindas dos discursos do conhecimento moderno, o que nos permite inferir sobre a construção do “olhar-espelho”. Logo, a metáfora do espelho aparece como mediador ambíguo do desdobramento da consciência de si, uma vez que ele é refletente e reflexo da realidade interior, no qual demarca o momento de confronto com a imagem do próprio corpo da personagem-protagonista, a sua identidade narcisista, portanto, se transforma em alteridade: “Impeliu-me o instinto de conservação para as letras, apaixonei-me pela literatura e dos destroços de mim mesma surgiu Lésbia, criação

híbrida, filha do sarcasmo e do ceticismo [...]” (BORMANN, 1998, p. 192).

É preciso fazer aqui, antes de tudo, uma ressalva: como já dissemos anteriormente nossa pesquisa tem a pretensão em demonstrar que, o romance *Lésbia*, antecipa a noção de identidade do sujeito moderno descrito por Hall, uma vez que este foi escrito no final do século XIX.

Seguindo a mesma linha que demarca e reescreve a vida fragmentada da personagem- escritora, bem como a fronteira entre vida e arte que é rompida, as duas se mesclam e se contaminam, mediadas pela imaginação que remodela a tradição recebida, as histórias contadas nos livros, alterando os desenlaces e as tramas. Portanto, observamos durante o desenvolvimento da narrativa como esse processo se articula, conforme vemos no esquema abaixo:

A escrita como prática de si

LÉSBIA
↓ ↓
S I
∩
LE B A
B E
+
∩
L A = BELA

No caso de Bela, o modo de inter-relação do seu grupo social, que ela termina por repudiar alguns, baseia-se na dominação do Outro através da palavra. Essa relação de dominação reproduz o binômio - homem: dominador/ determinante X mulher: dominada/ determinada, embora o determinante não seja exatamente uma personagem

do sexo masculino. O binômio original que se encontra no microcosmo dentro do qual Bela e as outras personagens transitam é:

1) Pai: determinante → Mãe: determinada (respeita a ordem tradicional); sentimento de igualdade em relação aos anseios e desejos da filha Arabela.

2) Primeiro Marido → Arabela

3) Arabela → Sérgio de Abreu (amante)

4) Sérgio de Abreu (traiu Bela) → Mulher (amante)

5) Dr. Pereira (Catulo) ↔ Bela ↔ Dr. Alberto

(triângulo amoroso) = (Amor familiar e universal) + (Amor gracioso).

6) Dr. Alberto → Heloísa

Arabela detém a autoridade fálica, porque é herdeira do poder econômico do Pai. Outros usam as relações sexuais ou a insinuação erótica numa tentativa de dominação (frustrada) do Outro, como é o caso da Heloísa.

O personagem Dr. Pereira, por exemplo, sente-se submisso pela inteligência da protagonista e pela tendência que, esta demonstra à auto realização pelo estudo e pelo trabalho, tendência à independência e individualidade, e tenta então subordiná-la oferecendo os seus serviços e disponibilidade para estar ao seu lado o tempo inteiro, como marido e esposa: “Enlevado pela superioridade de V. Exa., achando que só lhe falta um título nobiliário para coroar a sua bela frente, sedento de ventura, disposto a ser seu escravo, venho oferecer-lhe meu nome, pedindo-a em casamento” (BORMANN, 1998, p. 132-133).

Diferentemente dos romances escritos no século XIX, onde o internato é um período de pausa, de retiro, durante o qual a protagonista se prepara para enfrentar novamente a realidade exterior e prosseguir seu caminho em direção à autoafirmação e

a construção do EU. No caso de Lésbia, vemos o seu divã como sendo esse local onde se processa e restaura esse sentimento de perda e angústia, porque nele a protagonista consegue refletir suas ações e pensar nas possíveis reações e realizações dos seus atos. “Deixou-se Bela cair no divã, paralisada pela emoção, cheia de assombro, quase presa a alma por aquele homem, a quem mal conhecia” (BORMANN, 1998, p. 53).

O triângulo amoroso entre Bela, Catulo e Dr. Alberto a faz sentir dividida entre o amor dos dois, pois pelo primeiro tem-se um amigo e conselheiro que com o passar do tempo acaba por se tornar amante. No caso do Dr. Alberto, esse amor estaria condicionado no seu desejo ao casamento. Mas, pela impossibilidade de possuir os dois, ela opta pelo suicídio, como forma de fuga desse amor incondicional.

Munida de um bisturi, desceu ao quarto de banho, ladrilhado de mosaico, recebendo a luz de imensa clarabóia, onde já se esbatiam os raios solares.

A um canto estava o banheiro de mármore, em forma de concha, tendo em frente um grupo de náiades, de ondulantes dorsos, em provocante postura, com o enigmático sorriso das estátuas.

Despiu-se Lésbia, resvalando-lhe as vestes docemente ao longo do corpo, como que afagando os egrégios contornos da encantadora criatura.

Depois de amornar o banho, resoluta cortou as veias da prega do braço, lançando longe o bisturi e conservando o ferimento debaixo d'água, logo carminada pela abundância daquele generoso sangue, que aviventara o gênio.

(...)

– Catulo!... Alberto!... balbuciou. (BORMANN, 1998, p. 247-248).

Vale lembrar que o momento do suicídio representa a morte cerimonial realizada pela Bela/ Lésbia, no entanto, esta abre espaço para a realização do casamento convencional entre Dr. Alberto e Heloísa. Percebe-se aí, um exemplo de solidariedade feminina, pois Lésbia só sai de cena depois de conhecer Heloísa, o que demonstra toda alteridade existente em relação às mulheres, e também quanto ao seu altruísmo, uma vez que esta abriu mão de sua felicidade para deixar espaço para o outro ser feliz.

Bela/ Lésbia enquanto sujeitos da escrita, indivíduos que praticam arte coletiva; elas dão ao romance a função social de monumento estético de identidades subalternas, ao condicionarem problemas da realidade histórica que subordinavam a existência feminina aos padrões sociais adequados ao poder masculino. Dessa maneira, tem-se a mulher falando de si mesma, de seus dramas psicológicos e sociais, percebe-se, porém, em seus romances, outras vozes e formas de caracterização de personagens que desestabilizam a hegemonia patriarcal, porque o mundo no enredo dos romances não aparece fechado na circunferência feminina, e sim, a partir dela, aberto ao questionamento da tradição cultural do patriarcado.

Considerações finais

Portanto, pode-se concluir que o posicionamento presente em *Lésbia*, com relação à situação da mulher, apresenta avanços, se o compararmos com as ideias correntes na época a respeito do papel que homens e mulheres deveriam desempenhar naquela sociedade, à medida que questiona a autoridade absoluta atribuída ao homem.

No entanto, ainda possui aspectos conservadores, como continuará sendo a postura de muitas escritoras até mesmo no século vinte. Há uma denúncia à opressão sofrida pelas mulheres e uma crítica à educação a que estas eram submetidas.

Contudo, pode-se notar que a transgressão das mulheres se materializou na palavra escrita e mostrou uma “consciência de gênero” que precisa ser lembrada em nossa época, sempre roubada pela velocidade com que se veiculam e que rapidamente se substituem as informações. As suas lutas pelos direitos femininos provocaram mudanças de comportamento e atitudes, principalmente, pela denúncia dos valores misóginos regentes do comportamento social.

Referências:

BORMANN, Maria Benedita Camara. *Lésbia*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

Revista de Letras Norte@mentos

86

Estudos Literários, Sinop, v. 17, n. 47, p. 75-87, jan./jun. 2024.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Trad. Plínio Dentzein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. 11. ed. São Paulo: DP&A, 2006.

MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.) *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2. ed. Florianópolis: Ed. Mulheres, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

NAXARA, Márcia Regina Capelari; MARSON, Izabel Andrade; MAGALHÃES, Marion Brepohl de. (Orgs.) *Figurações do outro na história*. Uberlândia: EDFU, 2009.

RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.) *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (Org.) *História das mulheres no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

TELLES, Norma. *Fragmentos de um mosaico: escritoras brasileiras do século XIX*. Revista Labrys de Estudos Feministas. Agosto/ Dezembro, 2005.

TELLES, Norma. *Sonhos e iluminações das mulheres loucas da literatura*. Revista Escrita. Ano XIII – nº 39 - 1988, p. 22-26.

Recebido em: 01/02/2024

Aceito em: 28/03/2024